

# **Resumo do Volume XIX de Sigmund Freud: O Ego e o Id**

*(Lucia Schaefer- 2005)*

Após constatar que o ego pode também ser inconsciente, Freud, que até o momento do capítulo XIX de sua obra, havia voltado seus estudos para o consciente, na intenção de aprender mais sobre o inconsciente, entendeu que, para conhecê-lo melhor, se fazia necessário torná-lo consciente. Porém, surgiram os seguintes questionamentos: “Como isso é possível? / O que queremos dizer quando dizemos “tornar algo consciente?” / Como é que isso pode ocorrer?”. Conforme veremos a seguir, uma vez formulados tais questionamentos, Freud encontrou um norte para seguir com sua pesquisa.

Partindo do princípio de que as percepções recebidas de fora (sensórias) e de dentro (sensações e sentimentos) seriam conscientes desde o princípio mas que dificilmente descobriria se os processos internos avançariam para a superfície gerando a consciência ou se a consciência é que alcançaria os processos internos Freud pensou que uma idéia sua, anteriormente sugerida, de que um pensamento do inconsciente se efetuará em “algum material que permanece desconhecido” e de que o pensamento do pré-consciente, além de também estar em material desconhecido, estaria “colocado em vinculação com representações verbais” seria uma terceira possibilidade.

A partir dessa terceira possibilidade Freud formulou as seguintes questões: “Como uma coisa se torna pré-consciente?” E pensou na seguinte resposta: Posto que as representações verbais são resíduos de lembranças podem essas, como todos os resíduos mnêmicos (memória permanente e inerradicável), novamente tornar-se conscientes “Vinculando-se às representações verbais que lhe são correspondentes” pelo fornecimento de vínculos intermediários ao pré-consciente através do trabalho de análise.

Todavia, a constatação de que são claras as percepções externas com o ego mas que as internas com o mesmo merecem investigação especial mais uma vez deu lugar à dúvida. Freud queria saber se acertara ao referir a

totalidade da razão da consciência ao único sistema superficial perceptivo consciente. Segundo ele, muito pouco se conhece sobre as percepções internas.

Para Freud as sensações pertencentes à série prazer-desprazer, porque são mais elementares do que as que surgem externamente e porque podem ocorrer embora a consciência esteja enevoada, podem ser consideradas como os melhores exemplos de percepções internas. Conforme Freud, “as sensações de natureza prazerosa não têm nada de inerentemente impelente nelas, enquanto que as desprazerosas o têm no mais alto grau”.

Freud chamou prazer o que se torna consciente e desprazer um ‘algo’ quantitativo e qualitativo que se comporta como um impulso reprimido que, no curso dos eventos mentais, só se torna consciente como desprazer quando se dá resistência a força impulsiva de tal impulso e afirmou que a pesquisa clínica demonstra que “também as sensações e os sentimentos só se tornam conscientes atingindo o sistema perceptivo”, ou seja, no que toca a sentimentos, o pré-consciente é posto de lado, esses são conscientes ou inconscientes.

A partir de então ficou claro para Freud que os processos internos de pensamento são transformados em percepções através da interposição das representações verbais e ele afirmou que “quando uma hipercatexia (catexia = quantidade de energia acumulada) do processo de pensamento se efetua, os pensamentos são realmente percebidos – como se proviessem de fora – e, conseqüentemente, são considerados verdadeiros”.

Agregando aos esclarecimentos relacionados acima as considerações da teoria de Groddeck que propôs chamar **ego** a entidade localizada numa parte da mente que tem início no perceptivo (**Pcpt.**) e começa por ser pré-consciente (**Pcs.**) e, a outra parte da mente, pela qual essa entidade se estende e que se comporta como se fosse inconsciente, de **id**, Freud, examinou o homem como um “**id** psíquico, desconhecido e inconsciente, sobre cuja superfície repousa o **ego**, desenvolvido a partir de seu núcleo, o sistema perceptivo (**Pcpt.**)”.

Colocamos abaixo a representação diagramática de Freud (figura 1) assim como sua explicação:

- O **ego** não envolve completamente o **id** mas apenas até o ponto em que o sistema perceptivo forma a sua superfície;
- O **ego** não se acha nitidamente separado do **id**, sua parte inferior funde-se com ele;
- Mas o **reprimido** também se funde com o **id**, e é simplesmente uma parte dele;
- O **reprimido** só se destaca nitidamente do **ego** pelas resistências da repressão, e pode comunicar-se com o **ego** através do **id**;
- O **ego** usa um receptor acústico, de um lado apenas.

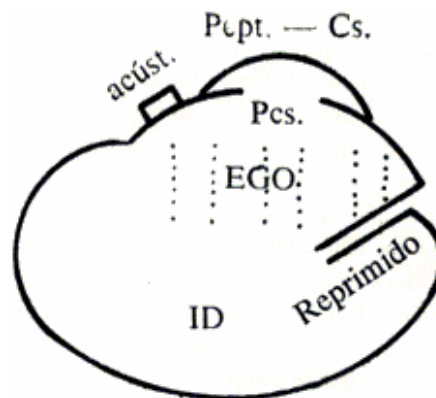


Figura 1

A partir de tais explicações, Freud concluiu que:

- O **ego** é a parte do **id** que foi modificada pela influência do mundo externo, por intermédio do perceptivo consciente (**Pcpt.-Cs.**);
- O **ego** procura aplicar a influência do mundo externo ao **id** e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio do prazer, que reina irrestritamente no **id**, pelo princípio da realidade;
- O **ego** representa o que pode ser chamado de razão e senso comum;
- Além da influência do sistema perceptivo (**Pcpt.**) parece ter desempenhado papel em ocasionar a formação do **ego** e sua diferenciação do **id** o próprio **corpo da pessoa** que ao tato produz duas sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna;

- O **ego** é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície.

Freud findou suas análises desmistificando a idéia de escala social ou ética de valores, que trás em seu bojo a crença de que função mental alta tem assegurado seu lugar na consciência, afirmando que “não apenas o mais baixo, mas também o que é mais elevado no ego, pode ser inconsciente”. E que “mesmo operações intelectuais sutis e difíceis, que ordinariamente exigem reflexão vigorosa, podem igualmente ser executadas pré-conscientemente e sem chegarem à consciência”.